

# O Português na Casa do Mundo, Hoje

Coordenação Henrique Barroso

O PORTUGUÊS NA CASA DO MUNDO, HOJE:  
PORTAS, JANELAS E VARANDAS

Henrique Barroso

## INTRODUÇÃO

# O português na casa do mundo, hoje: portas, janelas e varandas

HENRIQUE BARROSO

DEPL • ILCH – UNIVERSIDADE DO MINHO | CEHUM

hbarroso@ilch-uminho.pt

**Abstract:** Drawing on three metaphors, I will focus my reflection on what I consider to be the distinctive properties or, in other words, the truly relevant dimensions of the Portuguese language in today's Common House, namely: the Portuguese as a gateway (gateways) for the world, as a window (windows) from which one can see/ know/ identify the world, and finally as a balcony (balconies) that allows one to contemplate/ appreciate the world.

**Keywords:** Mother tongue; second language; heritage language; pluricentric language; global language; language of international communication; business language; language of culture, arts and science.



## 1. Ponto de partida

Do português, como aliás de qualquer outra língua – de todas, portanto –, vê-se o Mundo.<sup>[1]</sup> Esta, porém, e contrariamente

---

1 Vem aqui a propósito, mais próximo ou mais remoto (dependerá da interpretação que cada um entenda fazer), convocar a coletânea de ensaios, praticamente com o mesmo nome, *Uma língua para ver o mundo: olhando o português a partir de Macau*, onde o seu autor (André 2016) põe em destaque, numa visão e/ou arrumação tripartida (“Olhando o português”, pp. 19-90; “Uma língua para ver o mundo”, pp. 91-160; “Um olhar a partir de Macau”, pp. 161-243), a importância crescente desta língua no maior país

a muitas outras – mas também à semelhança de várias outras –, na mesma e noutras épocas, foi-se disseminando pelo Mundo. Como, aliás, também outras – sobretudo o castelhano.<sup>[2]</sup> E, nessas variadíssimas e distintíssimas latitudes e longitudes, foi-se pegando ao solo, criando raízes, crescendo e, hoje, o português é língua materna (na Europa e na América, sobretudo, e em parte em África), língua segunda (particularmente em Cabo Verde e Timor-Leste), língua nacional (em Angola e Moçambique, de modo específico) e língua de herança/língua de afetos (nas muitas e diversas diásporas) de cerca de 273 milhões de falantes (mais precisamente, e segundo o Observatório da Língua Portuguesa,<sup>[3]</sup> 272 730 000, assim distribuídos: Portugal: um pouco mais de 10 milhões; Brasil: 207 milhões; Moçambique: 27 milhões; Angola: 25 milhões; Guiné-Bissau: 1,8 milhões; Timor-Leste: 1,24 milhões; Cabo Verde: meio milhão; São Tomé e Príncipe: 190 mil), o que lhe confere a quarta posição entre as línguas maternas mais faladas no Mundo.

E a isto, acrescenta-se agora o seu estatuto de língua estrangeira que, nos últimos anos, graças à procura vinda sobretudo do Oriente (da China, de modo destacado), tem crescido exponencialmente, mas também de outras paragens bem dispersas pelo globo.<sup>[4]</sup>

---

da Ásia (a República Popular da China), particularmente, mas também em toda a região geoestratégica da Ásia-Pacífico, e, pode dizer-se, quase exclusivamente por razões de mercado. Esta observação faz todo o sentido porque, logo nos primeiros anos do presente século e milénio, o Governo da República Popular da China tomou a decisão política de transformar Macau numa plataforma de serviços para a cooperação entre a China e os países de expressão portuguesa.

- 2 Sobre a dimensão internacional desta língua ou, melhor ainda, sobre o potencial conjunto do espanhol e do português, cf. Laborinho (2018), trabalho inserto neste volume. Para melhor perceber a razão desta nota, deve referir-se que a proximidade entre o português e o castelhano faz destas línguas o maior bloco linguístico indo-europeu: cerca de 700 milhões de falantes nativos, na atualidade.
- 3 Cf. <http://www.observalinguaportuguesa.org>.
- 4 Por exemplo, em 2016/17, o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua recenseou duzentos mil estudantes, em setenta países. Sobre este assunto, e para maior detalhe, compulsar "O ensino do Português no mundo", o capítulo III de *Novo Atlas da Língua Portuguesa* (Reto; Machado; Esperança 2016: 71-91).

## 2. Início da reflexão

Antes de sair da geografia que lhe deu nascimento ou, se se quiser (invertendo a orientação do foco), de iniciar a aventura por outras paragens,<sup>[5]</sup> o português, como todas as línguas (neste ponto, não se distingue absolutamente de nenhuma outra), tinha, por natureza, as próprias *porta*, *janela* e *varanda*, ou seja: a primeira para poder aceder ao mundo, a segunda para o poder ver/conhecer/perceber e, por fim, a terceira para o poder contemplar/apreciar (esteticamente). Isto, por si, é absolutamente singular – de um valor incomensurável, portanto. Porém, multipliquemo-lo, no mínimo e também naturalmente, por oito (todos os espaços onde é língua materna, língua segunda e/ou língua nacional), e aí são oito vezes mais portas, oito vezes mais janelas e oito vezes mais varandas.<sup>[6]</sup>

Dito isto, e antes de avançar, não devemos esquecer (pelo contrário: ter bem presente) os outros espaços onde é língua de herança e/ou língua de afetos<sup>[7]</sup> e, ainda (é evidente), aqueles outros onde é ensinada/aprendida como língua estrangeira.<sup>[8]</sup> Por conseguinte – é o corolário –, estamos na presença de uma

5 Sobre estas duas facetas da língua portuguesa, comparadas a solo e a horizonte, cf. Silva (2016: 8-29).

6 Já tinha escrito este parágrafo (depois de ter pensado aturadamente no seu conteúdo – é óbvio), quando me deparei, no passado Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP, com o sugestivo título de uma reportagem jornalística “Quantas línguas cabem na língua portuguesa?” (*Diário de Notícias*, on-line, secção Artes, 5 de maio de 2018, assinada por Maria João Caetano), que vem bem ao encontro do que ali afirmo, senão vejamos (cito apenas a síntese inicial, a negrito, e o início da reportagem): ***Em Cabo Verde não se pode usar a expressão “pitada de sal”. No Brasil ninguém sabe o que é um autoclismo. Mas todos nos entendemos. Hoje é dia da Língua Portuguesa, que é falada por mais de 260 milhões de pessoas*** “*Eu pergunto se ele vai de terno, ele me diz que não vai de fato. Eu uso calcinhas, que ele diz que são cuecas, ele usa boxers, que eu digo que são cuecas.*” *Parece caricatura mas não é. “Eu digo para de frescura e ele me diz não me venhas com fitas. Eu digo que ele não sabe porra nenhuma, ele diz que eu não sei a ponta de um cornó.” Os problemas de comunicação da brasileira Ruth e do seu marido, o português Filipe, foram o tema da crónica semanal que ela assina no Estadão, no passado dia 22 de abril. O título era: “Eu digo “Brasiu”, ele diz “Purtugal””. E nela Ruth Manus elencava os vários equívocos provocados pelas diferentes línguas que eles usam, apesar de ambos falarem a mesma língua portuguesa.*

7 Sobre o português nesta qualidade e em estreita conexão com o processo de aquisição da linguagem, cf. Flores (2016: 161-173).

8 Como exemplo de uma situação concreta (o PLE na República Checa), veja-se Svobodová (2016: 141-160).

língua pluricontinental, pluricultural e, conseqüentemente, pluricêntrica.<sup>9]</sup> Daí as ...

### 2.1 ... portas ...

... que são tantas quantas as variedades do português resultantes de todas estas variáveis (distintos sabores, distintos aromas, distintas sonoridades, distintos sentimentos, distintas emoções, distintos...), como é de todo compreensível, pois, primeiro, entramos em casa (de preferência, pela porta grande ou principal) e, depois, fazemos o respetivo reconhecimento, para nos sentirmos bem, estarmos à vontade, para recuperarmos o conforto, a intimidade, os afetos.

Cabe, neste âmbito, reportar o seguinte: se esses oito acessos se servirem da mesma ortografia (disse ‘ortografia’, não ‘(orto) fonía’ – esta, é das leis orgânicas da matéria, exhibe mudança constante, contínua; aquela, contrariamente, é invariante, discreta), resulta evidente o acesso uniformizado/simplificado/universal (muito importante!) aos não pertencentes à extensa comunidade de falantes de língua portuguesa, mas que a querem aprender por muitas e variadas razões, desde as profissionais e laborais, passando pelas amorosas e/ou afetivas, até às de mera e simples curiosidade.

De seguida, e uma vez familiarizados com o ambiente, podemos e devemos observar o que está no seu entorno e, para o fazer, terá obrigatoriamente de ser através de uma passagem estreita que focalize e/ou oriente o foco para os objetos do mundo, por forma a poder vê-los e perceber o seu funcionamento. Daí as ...

### 2.2 ... janelas ...

O português é língua de conhecimento e de ciência desde o séc. XVI (Castro 2009), altura em que o latim começou a ceder o

9 Sobre esta última propriedade do português, *vide*, entre outros, Silva (2016: 67-83) e Batoréo (2016: 85-101).

lugar às línguas novilatinas ou estas, porque tinham acabado de se tornar adultas, assumiram naturalmente esse papel.<sup>[10]</sup>

Não há dúvida de que se produz conhecimento em português – muito e em todas as áreas (e, por razões de todos conhecidas, quase exclusivamente em Portugal e no Brasil). Acontece, porém, que está ainda por fazer o que devia/tinha de já ter começado a ser feito com sistematicidade: a sua divulgação através da tradução para outras línguas.

Finalmente, satisfeitas as duas fases e/ou condições anteriores, a língua pode ser tratada e/ou usada em termos artísticos, ou seja, com função estética. Daí, por fim, as ...

### 2.3 ... *varandas* ...

O português é uma língua de prestígio cultural elevado, com forte afirmação na literatura, na música, no cinema, nas artes performativas, no turismo, etc. Por exemplo, e no que à música diz respeito, posso referir os seguintes nomes (trata-se de uma mera amostra. É esta, porque sim. Mas podia ser perfeitamente outra): Tom Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia (Brasil); Cesária Évora, Sara Tavares (Cabo Verde); Anselmo Ralph (Angola); Calema (São Tomé e Príncipe); Sérgio Godinho, Jorge Palma, Zeca Afonso, Fausto (Portugal), que documentam distintas sonoridades e outros tantos timbres.

E relativamente à Literatura, temos esta outra (mas poderíamos ter várias): Pepetela, Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa (Angola); José Craveirinha, Mia Couto, Paulina Chiziane (Moçambique); Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Jorge Amado (Brasil); Arménio Vieira, Germano Almeida, Orlanda Amarílis (Cabo Verde); Abdulai Sila (Guiné-Bissau); Conceição Lima (São Tomé e Príncipe); Luís Cardoso (Timor-Leste); Luís de Camões, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, David Mourão-Ferreira, José Saramago, Agustina Bessa-Luís, António Gedeão (Portugal).

---

10 Deste estatuto, do português como metalíngua ou língua de ciência, bem como do de língua digital (tecnologia), vide Bautista (2017: 221-230), Teixeira (2016: 175-190), Barreiro (2016: 31-47) e Branco *et al.* (2011).

E, para terminar, numa outra perspetiva, mas ainda neste âmbito, o português é a quinta língua mais usada na internet e a terceira mais usada no *facebook* (Reto; Machado; Esperança 2016: 242-247).

### 3. Ponto de chegada

A força global da língua portuguesa (o português como língua global ou de comunicação internacional<sup>[11]</sup>) é um facto resultante de e/ou evidenciado por estes outros factos/dados: o potencial económico e cultural dos países que consideram o português como seu património comum; o número de falantes de português e sua projeção até ao final do séc. XXI (dos atuais cerca de 273 milhões passar-se-á para os 487 milhões); o panorama bastante amplo do ensino do Português no mundo (um trabalho feito tanto pelo Instituto Camões quanto pela Rede Brasil Cultural), com destaque, pela importância estratégica, dos casos dos Estados Unidos da América e da China; as várias e distintas diásporas e, ainda, o número considerável de crioulos de base portuguesa; indicadores vários relacionados com o poder de uma língua/poder económico dos países que a falam;<sup>[12]</sup> indicadores das áreas da cultura, das indústrias criativas e da ciência; a unidade e diversidade do português nos oito países lusófonos.<sup>[13]</sup>

Esta reflexão, como terá oportunidade de se verificar de seguida, vai ser cabalmente ilustrada e amplamente alargada pelas reflexões/contribuições do(a)s colegas-especialistas Conceição (cap. I), Laborinho (cap. II), Batoré (cap. III), Osório (cap. IV), Silva (cap. V) e Teixeira (cap. VI).

---

11 Para uma compreensão cabal destes termos/conceitos, cf. Santos (2016: 49-66) e Mulinacci (2016: 103-127).

12 Sobre este tópico, cf. Esperança (2016: 15-30).

13 Sobre todos estes factos/dados, cf. Reto; Machado; Esperança (2016).

## Referências

- ANDRÉ, Carlos Ascenso (2016). *Uma língua para ver o mundo: olhando o português a partir de Macau*. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- BARREIRO, Anabela (2016). Contributos para o aumento de qualidade na língua digital. In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 31-47.
- BATORÉO, Hanna J. (2016). Que gramática temos para estudar o português língua pluricêntrica? In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 85-101.
- BAUTISTA, Alberto Gómez (2017). A língua portuguesa e a ciência: problemas e desafios. In Ferreira, António Manuel; Morais, Carlos; Brasete, Maria Fernanda; Coimbra, Lídia Rosa (eds.). *Pelos mares da língua portuguesa 3*. Aveiro: UA Editora, pp. 221-230.
- BRANCO, António *et al.* (2011). *A língua portuguesa na era digital*. Coleção Livros Brancos. Meta-net, Springer. Disponível em: <http://www.meta-net.eu/whitepapers/e-book/portuguese.pdf>.
- CAMÕES – INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA: <http://www.instituto-camoes.pt>.
- CASTRO, Ivo (2009). Português, Língua de Ciência. Comunicação [inédita] ao Colóquio *A Internacionalização da Língua Portuguesa*, Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses, Lisboa, 16.VI.2009.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS: <https://www.dn.pt/artes/.../quantas-linguas-ca-bem-na-lingua-portuguesa-9309937.html>.
- ESPERANÇA, José Paulo (2016). Efeito da proximidade linguística no comércio internacional: o português no conjunto das línguas globais. In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 15-30.
- FLORES, Cristina M. M. (2016). Um olhar sobre o processo de aquisição da linguagem através do estudo do português como língua de herança. In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 161-173.
- LABORINHO, Ana Paula (2018). O poder das línguas, línguas de poder: potencial conjunto do espanhol e do português. [inserto neste volume]
- MULINACCI, Roberto (2016). Não falem português, falem brasileiros. Algumas notas sobre a noção de português como língua internacional. In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 103-127.
- OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: <http://www.observalinguapor-tuguesa.org>.



- RETO, Luís Antero; Machado, Fernando Luís; Esperança, José Paulo (2016). *Novo atlas da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- SANTOS, Diana (2016). Português internacional: alguns argumentos. In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 49-66.
- SILVA, Augusto Santos (2016). Da língua como solo e como horizonte. In Reto, Luís Antero; Machado, Fernando Luís; Esperança, José Paulo. *Novo atlas da língua portuguesa*, pp. 8-29.
- SILVA, Augusto Soares da (2016). O português como língua pluricêntrica: indicadores linguísticos e sociais e novos métodos de investigação. In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 67-83.
- SVOBODOVÁ, Iva (2016). Português como língua estrangeira na República Checa. In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 141-160.
- TEIXEIRA, José (2016). Português, língua de ciência? In Teixeira, José (Org.). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*, pp. 175-190.
- TEIXEIRA, José (Org.) (2016). *O português como língua num mundo global: problemas e potencialidades*. Vila Nova de Famalicão: Húmus e Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho.

Antes de mais nada, devo aqui deixar expresso que este volume constitui um documento-monumento, que me parece também poder valer como símbolo, no dia do seu encerramento oficial (25 de maio de 2018), das comemorações dos 25 anos do Curso Anual de Português Língua Estrangeira (PLE) do BabeliUM – Centro de Línguas do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH), ficando para a história desta subunidade de extensão do ILCH, a unidade orgânica de ensino e de investigação da Universidade do Minho que o alberga e, diria mesmo, de que faz parte integrante ou constituinte. Henrique Barroso, *D(N)este livro*

Antes de sair da geografia que lhe deu nascimento ou, se se quiser (invertendo a orientação do foco), de iniciar a aventura por outras paragens, o português, como todas as línguas (neste ponto, não se distingue absolutamente de nenhuma outra), tinha, por natureza, as próprias *porta, janela e varanda*, ou seja: a primeira para poder aceder ao mundo, a segunda para o poder ver/conhecer/perceber e, por fim, a terceira para o poder contemplar/apreciar (esteticamente). Isto, por si, é absolutamente singular – de um valor incomensurável, portanto. Porém, multipliquemo-lo, no mínimo e também naturalmente, por oito (todos os espaços onde é língua materna, língua segunda e/ou língua nacional), e aí são oito vezes mais portas, oito vezes mais janelas e oito vezes mais varandas.

Dito isto, e antes de avançar, não devemos esquecer (pelo contrário: ter bem presente) os outros espaços onde é língua de herança e/ou língua de afetos e, ainda (é evidente), aqueles outros onde é ensinada/aprendida como língua estrangeira. Por conseguinte – é o corolário –, estamos na presença de uma língua pluricontinental, pluricultural e, consequentemente, pluricêntrica. Henrique Barroso, *Introdução* (Parte I)

ISBN 978-989-755-348-6



FUNDAÇÃO  
ORIENTE

